



## **Temporalidade jornalística e crítica literária em cadernos culturais do jornal A**

### **Folha de S. Paulo<sup>1</sup>**

Gabriel Carrara Vieira<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG

#### **RESUMO**

O presente trabalho busca abordar a presença da crítica de literatura no suplemento cultural do jornal. Tomou-se como *corpus* empírico os cadernos Ilustrada e Mais! do jornal A Folha de S. Paulo por um mês. O eixo condutor da análise foram os diferentes regimes de temporalidade a que estão vinculados, e as implicações de uma sincronia entre eles. Embora haja no jornal um processo seletivo baseado no novo, no atual e no cotidiano, esse mesmo critério não se aplica ao objeto cultural literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo cultural; temporalidade; crítica cultural.

#### **INTRODUÇÃO**

Em sua análise sobre a crítica literária, Antoine Compagnon (2003) comenta que se exige dela por demais para, ao final, chegar-se à conclusão de que ela não corresponde ao esperado. Essa observação sintetiza bem certa tendência na crítica e, mais amplamente, no jornalismo cultural, de acordo com o que aponta Daniel Piza (2007), quando afirma que certas polarizações tendem a “estrangular” uma produção de sentidos mais rica.

De fato, o jornalismo cultural é visto com certo teor de saudosismo. Em seu artigo *Rodapés, tratados e ensaios*, Flora Süssekind (1993) traça um percurso da crítica brasileira de literatura nos periódicos, desde os críticos de rodapé, aos *scholars*, passando pelas críticas dialética e sociológica, até chegar às resenhas atuais, e afirma que “o crescimento editorial, ao contrário do que seria de esperar, *se desestimula uma*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit) da Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Imagens e Culturas Midiáticas pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, email: g\_c\_v@hotmail.com.



*reflexão crítica mais atenta* (já que o interesse primordial é vender livros, não analisá-los)” (p. 32, grifo nosso).

O percurso de Sússekind reverbera uma ideia, ora nostálgica, ora apocalíptica, de que o espaço da crítica se desvirtuou no marketing. Contíguo a isso, Elizabeth Lorenzotti, a pesquisadora do suplemento cultural do jornal O Estado de São Paulo, expõe com todas as palavras: “os suplementos culturais tornaram-se guias de consumo dos chamados produtos da indústria cultural” (2007, p. 73).

O argumento básico pode ser sintetizado no seguinte processo: os cadernos e suplementos culturais, que outrora visavam à discussão sobre arte e cultura, passaram a ser submetidos estritamente às regras de produção jornalística e de mercado; o campo de discussões, debates e embates, cede lugar à resenha, que remete apenas ao consumo, rompendo com a dimensão crítica que a obra de arte possui (CHAUI, 2007).

Pode-se perceber nessas três pesquisadoras uma matriz teórica advinda do pensamento de Adorno acerca da indústria cultural. Em *Tempo livre* (2007), a recepção dos produtos advindos do sistema capitalista é apontada como uma forma de manter a consciência crítica do indivíduo em estado de letargia, não o irritando e preenchendo um tempo falsamente livre. Nessa lógica, os bens culturais, principalmente aqueles difundidos pelos jornais, seriam essencialmente veículos de dominação.

Para identificar a função da crítica e o que dela se espera, tomou-se *A função da crítica*, de Terry Eagleton (1991), que parte de um estudo histórico, analisando o percurso da crítica cultural desde seu surgimento no século XVIII até os dias de hoje. Na dinâmica social, o que antes se prestava à formação de uma esfera pública de discussão se voltaria hoje ao “conforto ideológico” de uma classe (p. 50).

Nessa perspectiva da crítica à ideologia, a abordagem da literatura no jornal se apresenta falha e, principalmente, inócua frente a questões de consciência crítica dos leitores, pois se pautariam pelo mercado. Contudo, tais análises se prestam a potencialidades não consumadas da crítica e do jornalismo cultural – ou seja, ao que eles *não* atingem –, mas não se voltam para o fazer em si de tais instâncias; ou, ainda, observam a potencialidade do jornalismo cultural e da crítica com critérios do que se espera da arte.

Coloca-se neste ponto uma questão: a fim de celebrar datas, como nascimento e morte de autor, os jornais recuperam seus dados biográficos, colocam resenhas de edições comemorativas e divulgam novas leituras críticas, como se viu em 2008 com Machado de Assis. Se se levar em conta apenas os teóricos supracitados, essa



produção jornalística não prestou um serviço ao leitor, pois como coloca Adorno (2007, p. 108), “o que elas [pessoas] querem lhes é mais uma vez imposto”.

Não se coloca, contudo, em questão que arte, cultura e literatura, campos abordados e defendidos, precisam se adequar ao modo de operação do jornalismo e dialogar com sua lógica e particularidades; na verdade, Chauí (2007) aponta para essa questão, mas em um apontamento negativo. Antes de se apontar para a validade ou não da crítica, é preciso levar em conta uma questão de *diferentes regimes de temporalidade*; ou ainda, as condições operacionais em que são suporte de tais críticas – no caso do jornalismo diário, uma condição notadamente marcada pelo conceito de tempo presente.

Se os críticos de esteio frankfurtiano supracitados se baseiam em uma *atemporalidade* da arte, é preciso ressaltar um caráter *temporal* do jornalismo: quando se observa a crítica e o jornalismo cultural por meio dos critérios jornalísticos, e não as potencialidades estéticas da arte e cultura, levanta-se também um problema entre *temporalidade da notícia e manifestações atemporais ou anacrônicas*.

Para este artigo, tomou-se como *corpus* empírico um período de um mês dos cadernos Ilustrada e Mais! do jornal A Folha de S. Paulo, selecionando-se as matérias referentes a livros e literatura. Essa escolha ocorreu devido a três fatores: primeiro, a tiragem do periódico, que é a maior do Brasil de grande alcance; segundo, a existência de um trabalho a respeito do conteúdo de tais cadernos, da autoria de Isabel Travancas, intitulado *O livro no jornal*, contribuindo com ferramentas metodológicas no tocante à organização do *corpus* e sua correlação com a cotidianidade; e terceiro, por ser considerado um jornal “de referência”.

O recorte, apenas os livros de literatura abordados em cadernos de cultura de um jornal diário, é uma opção metodológica para propiciar um tempo maior de análise, observando-se assim o processo geral do meio e deixando-o em contraste com produtos casuais e de exceção. Este artigo é fruto de um trabalho final para o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Comunicação: imagens e culturas mediáticas, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresentado em 2008.

## **DESENVOLVIMENTO**



Para a análise de A Folha de S. Paulo, foi selecionado um *corpus* empírico constituído pelos cadernos culturais do dia primeiro ao dia 30 de junho de 2008, além do caderno Mais! aos domingos. Em um esforço de focar a análise, foram escolhidas apenas matérias sobre literatura. *A priori*, já havia uma expectativa de que o jornal desse pouco destaque aos livros, mas o resultado foi ainda mais contundente: *apenas* aos sábados eram veiculadas matérias sobre literatura, em sua maioria críticas e resenhas ligadas a lançamentos. Durante a semana, raríssimas foram as abordagens; o caderno “Mais”, um dos mais sólidos suplementos dos periódicos no país, não publicou nenhuma análise de relevância sobre o tema no período<sup>3</sup>.

Esta pré-análise acabou por reduzir o *corpus* empírico a apenas os jornais de sábado, mas já oferece uma valiosa informação: a literatura é veiculada não nas edições cotidianas, mas sim no tempo de folga. Isso de certa forma corrobora com os dados que revelam que o brasileiro lê pouco, que não incorpora o livro em seu dia-a-dia<sup>4</sup>.

Tal separação é justamente alertada por Adorno em seu artigo *Tempo livre* (2007), e também por Marilena Chauí (2007). Colocada em um tempo afastado do dia-a-dia, em um à parte, esses objetos culturais fazem parte do tempo livre, do lazer; e como critica o filósofo alemão, “compor música, escutar musica, ler concentradamente, são momentos integrais de minha existência; a palavra hobby seria escárnio em relação a elas” (2007, p. 105).

Essa perspectiva da análise é tributária ao trabalho de Isabel Travancas. Em *O livro no jornal* (2001), ela expôs tal aspecto de distinção semanal, porém sem se deter na mesma. Pode-se concluir, pois, que *a literatura não é vinculada ao cotidiano, reservando-se o tempo livre da semana para sua fruição*; de segunda a sexta, cinema, televisão, música, mas não literatura.

Contudo, pode-se datar a fruição, a experiência estética da literatura? Se literatura não é temporalmente marcada, a literatura no jornal o é. Para aparecerem nos periódicos, os livros necessitam de um *gancho*, que quase sempre é o novo lançamento. Na Ilustrada do dia 7 de julho, por exemplo, as quatro críticas presentes são – ou assim apresenta o texto – lançamentos. A crítica de rodapé, teoricamente mais livre, não consegue escapar de um paralelo que a atualize: a análise de Fábio de Souza Andrade (2008) de *Dias na Birmânia*, de George Orwell, na edição da Ilustrada de 7 de junho é

<sup>3</sup> Apenas um “embate” entre Guimarães Rosa e Machado de Assis, no “Mais” de 22 de junho; é importante notar que o primeiro não foi lembrado nem no dia nem na semana de seu nascimento com matérias relevantes.

<sup>4</sup> Dados de 2008 da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil do Instituto Pró-Livro indicam que a média do brasileiro é de 4,7 livros por ano; na França, segundo a Associated Press, a média é de 11 livros por ano.



amparada pela passagem do ciclone Nargis, em Mianmar, um mês antes. E em 28 de junho, às vésperas da Festa Literária Internacional de Paraty, as críticas se basearam nos autores convidados para o evento.

Esse chamado gancho, bem como nas efemérides, remete a uma pesquisa citada por Mouillaud (1997, p. 55) em que se diz que “o status de notícia só é dado às ocorrências que se situam no interior de espaços e tempos supostos legítimos pelos profissionais”. A interpenetração de uma atualidade na abordagem de produtos em tese atemporais – livros de literatura – é justamente o *a priori*, a pressuposição que Mouillaud julga necessário questionar, desnaturalizar, ultrapassando a “naturalização do tempo” (ANTUNES, 2007, p. 43).

O aparecimento de autores consagrados, como Machado e Rosa, tende a depender de efemérides para serem atualizados pela crítica de jornal. Não há, contudo, essa necessidade de atualização tanto no meio acadêmico, quanto na própria escolha do leitor, o que permite levantar mais um ponto: *o mercado oferece o que é “pautável” para o jornal*, sendo que aquele também depende das efemérides para se inovar, como, por exemplo, no caso das edições comemorativas. Essa “regulação” do mercado é o que Adorno critica quando diz que “o que elas [as pessoas] querem lhes é mais uma vez imposto” (2007, p. 108). Sendo ele um grande admirador da cultura erudita, passada, é compreensível sua revolta para com o que é oferecido aos cidadãos.

Antes de passar ao conteúdo das críticas, é interessante notar alguns conceitos de Niklas Luhmann (2005) sobre os meios de comunicação. Para ele, o sistema funciona com um código informação/não-informação, sendo esse o critério para que algo seja uma notícia ou não. Esse código irá definir também a diferenciação de um sistema para outro – por exemplo, entre o sistema dos meios de comunicação e da arte. Contudo, uma crítica sobre Homero, ou Machado de Assis, ou Guimarães Rosa, são informações também; mas, o que o próprio autor ressalta acima tudo, é que o par informação/não-informação *não* é um critério para se avaliar a literatura.

É possível, com isso, identificar mais uma característica do *corpus*: ao ser veiculada em um jornal, a literatura deve se *adequar* ao modelo informacional, o qual *não* é um traço distintivo seu. É interessante notar que, ao ser transmitida como uma crítica de periódico, a dimensão literária passa a ser regida por regras que não as suas próprias; talvez por isso sejam tão conflitantes as análises que envolvam ambos.

Já se tomou a dimensão do enunciado, sua emergência e seleção, e agora passa-se à sua materialidade, ou o conteúdo das críticas. Ao se ler uma análise de



Antônio Cândido ou Afrânio Coutinho, por exemplo, pode-se identificar seus projetos de crítica dialética ou estética, respectivamente (SÜSSEKING, 1993). Por “projeto”, ou mesmo metodologia, entende-se a relação que o texto de apreciação estabelece entre a obra literária e o “todo” literário.

Após observadas as matérias do *corpus* por um mês, pode-se dizer que as críticas do jornal A Folha de S. Paulo articulam muito pouco essas duas faces, do geral e do particular da literatura, e apenas acessoriamente. Um recurso muito utilizado, por exemplo, é a entrevista com o próprio autor – recurso raríssimo em críticas acadêmicas. Em “Coetzee analisa ‘autoridade’ de opiniões”<sup>5</sup>, opiniões do autor e “opiniões da obra” – *Diário de um ano ruim* – são mescladas, formando um gênero muito parecido com os “perfis” traçados de personalidades.

É preciso, antes de se avaliar a pertinência e alcance dos produtos, identificar o modo de operação que os permite emergir nas páginas de jornal. Se a obra literária não é temporalmente marcada, no sentido de não serem vinculadas a apenas um determinado período – pode-se, por exemplo, ler até hoje Homero e Cervantes –, a literatura no jornal o é – o jornal de ontem lido hoje já não tem a mesma relevância. Para que se aborde os livros, é preciso uma adequação à pauta, ou, colocando nos termos já expostos, ao regime temporal do jornal diário, uma sincronia com a periodicidade do veículo (ANTUNES, 2007, p. 36).

Independentemente do cordão umbilical que ligava o jornalismo e o gênero literário em tempos passados, ele está definitivamente cortado. Haja vista essa separação, deve-se, naturalmente, observá-los diferenciadamente. A crítica literária de hoje, contudo, é bem diversa da praticada nas academias, não sendo no periódico que os *scholars* buscam apreciações e análises, mas, mais comum, nas revistas literárias.

Assim sendo, é possível dizer que *o jornal fala de livros, e não de literatura*, mesmo que os livros em questão *sejam* de literatura. Essa separação provoca uma perspectiva diferente na análise, com as seguintes implicações: (i) as notícias sobre livros promovem a curiosidade, o consumo, a leitura, mas não necessariamente a *discussão* sobre as obras; (ii) o jornal ocupa um papel de mediador entre a nova produção e o leitor, permitindo que este se inteire do “zeitgeist” literário; (iii) falar de literatura é abordar seus aspectos mais intrínsecos, e falar de livros é tratar de seus aspectos mais extrínsecos.

---

<sup>5</sup> 14/06/2008



Ora, se o jornal não fala de literatura, então não se pode culpá-lo de deteriorar os valores literários; *essa não é a sua função*, ou, pelo menos, não mais. Em seu provocador livro *Os meios de comunicação como extensões do homem*, McLuhan cita as “energias híbridas”: quando dois meios se encontram, há um rearranjo de funções, permitindo que um libere o outro de certas funções e atuações imperativas. Parece que é justamente esse o caso, principalmente entre o jornal e as revistas literárias. Süssekind (1993) mostra o trajeto do *scholar* no jornal, ganhando espaço com sua crítica especializada, e depois perdendo esse espaço para os jornalistas e sua escrita mais simples. Os *scholars* não sumiram nem seguiram para as fogueiras da inquisição; tornaram-se críticos-professores por excelência nas revistas da academia – estas, sim, voltadas para o estudo e crítica literária.

Já falar de livros é abordar seu autor, seu tema, seu posicionamento no mercado editorial; é apresentar características como ótimo, bom ou regular, equacioná-los, hierarquizá-los. É diferente dos estudos de literatura, que abordam questões mais profundas e estruturais. Essa separação, criticada por Adorno à exaustão, permite um acesso diferenciado aos novos livros: embora atue sim como uma espécie de “publicidade informativa”, as críticas e as resenhas permitem uma “triagem”.

Contudo, retorna-se a Adorno: “o que elas [as pessoas] querem lhes é mais uma vez imposto” (2007, p. 108). A preocupação do filósofo era em relação a uma deterioração da literatura nas páginas do jornal, sem observar que *as regras que ele deveria inspecionar são as da imprensa*. Com um jornalismo ético – e é isso que se espera dele –, pode-se dar mais credibilidade à crítica dos livros: sem ética, toda e qualquer crítica de jornal é publicidade, e é *fundamental* que ela seja um valor buscado.

A famosa “lista dos mais vendidos”, por exemplo, presente em todos os sábados analisados, é um reflexo do mercado, um reflexo do que os leitores estão buscando. Muito criticada, por veicular a “literatura de massa”<sup>6</sup>, essa lista é apreciada no jornal, e é importante que isso ocorra. Essa crítica se baseia no par informação/não-informação, para ampliar o que se sabe sobre a obra mais vendida.

Um livro não se esgota na literatura; pelo contrário, ela é apenas o ponto de partida para que se analisem diversas outras questões de cunho econômico, político, social. Pois esse é o local de discussão do jornalismo, e a literatura não pode se isentar em uma torre de marfim, mas tampouco pede-se que seja panfletária.

---

<sup>6</sup> “Qual o efeito do entretenimento como descanso? A hostilidade diante de tudo que possa ser mais do que simples divertimento, que peça atividade em vez de passividade” (CHAUÍ, 2007, p. 28).



Há um interessante trecho de Isabel Travancas (2001, p. 144) em que ela coloca que “não apoiar o livro é não apoiar o ideal deste grupo intelectual [os jornalistas], em que a cultura literária é um valor. É o capital que eles possuem e colocam no mercado. (...) Objeto sagrado, se dessacraliza, se comercializa, e se banaliza no mercado”. Embora a literatura seja algo “bom”, o livro, a mercadoria, é “ruim”; os críticos que se baseiam nessa dicotomia parecem ignorar que é justamente o comércio dos livros que permite o acesso mais amplo, um acesso em massa à literatura.

Segundo Chauí (2007), a cultura de massa transforma as obras: de expressivas para repetitivas; de criação para consumo; de experimentação para “consagração do consagrado”; de duradouras para efêmeras; de formas de conhecimento para dissimulação. Nesse sentido, não convém opor o livro e a literatura; na esteira da teoria crítica, o mais indicado seria opor o livro ao seu simulacro mercadológico, e a literatura ao simples entretenimento.

## CONCLUSÃO

Partindo das polarizações apontadas por Piza (2007) no âmbito do conteúdo (erudito x popular, nacional x estrangeiro), tenta-se aqui apontar para outros conflitos que emergem principalmente da questão do *gancho* na pauta de cultura. Se o jornalismo “serve-se de atributos de temporalidade para se constituir enquanto tal” (ANTUNES, 2007, p.49), é preciso, portanto, antes de se avaliar a pertinência da crítica e do jornalismo cultural, repensar seus valores-notícia visando ao fato e ao acontecimento (MOUILLAUD, 1997).

A questão da temporalidade do jornalismo cultural está essencialmente ligada ao seu suporte material, que é o jornal diário. Ao traçar um panorama histórico da crítica, Terry Eagleton (1991) analisa seu percurso desde o surgimento no século XVIII até os dias de hoje. Na dinâmica social, o que antes se prestava à formação de uma esfera pública de discussão, se volta hoje ao “conforto ideológico” de uma classe (p. 50). Essa crítica, contudo, estava vinculada a uma noção de esfera pública clássica, o que dificilmente se aplica à realidade atual da mídia impressa. Um dos principais impasses que permeia as análises do jornalismo cultural é justamente esperar de si algo que já não lhe é mais possível.

Não se trata, contudo, de abandonar o jornalismo cultural como uma causa perdida. Piza (2007) aponta para o fato de que, mesmo com sérios cortes e problemas na



produção, há ainda um interesse e prestígio dos cadernos culturais. Nesse panorama traçado por meio do “Ilustrada”, embora o caso não seja paradigmático, aponta ao menos para uma tendência.

O esforço em criticar – ou *atacar*, como Adorno – as críticas e resenhas de A Folha de S. Paulo e jornais que tendem à mesma linha não há de revelar nada sobre a literatura. Os estudiosos que se debruçarem sobre essa questão buscaram e buscarão no vazio – e por isso concluem que houve um esvaziamento da literatura, quando, na verdade, seu objeto é o livro, a *materialidade* da literatura e seu surgimento, nos termos de Foucault. *Estudar a literatura no jornal é repetir o mito de Sísifo*; deve-se partir para outros objetos e abordagens que relacionem-se com a mesma.

A crítica literária não morreu; a evolução dos meios permitiu que ela tomasse um local diferenciado – o das revistas literárias. Deve-se levar em consideração, contudo, que o jornal *A Folha de São Paulo* – e, com quase certeza, pode-se afirmar que os outros jornais seguem a mesma tendência – *não* – a não ser em ocasiões especiais, como no caderno “Mais” – se propõe a discutir *literatura*, mas sim o *livro*, e todos os seus aspectos inerentes.

Este estudo de A Folha de S. Paulo não se pretendeu a um universalismo, mas sim a uma abertura de análise de um paradigma. Em tom profético, McLuhan escreveu: “o meio é a mensagem”. Talvez pela complexidade de seu pensamento, talvez pela sua amplitude, e talvez – por que não? – pela possibilidade de estar errado, essa máxima não é lembrada ao se analisarem diferentes mídias. Não se deseja segui-la a risca, mas que haja ao menos um cuidado de se perceber as influências que cada mídia acarreta.

A crítica do jornal talvez tenha migrado para as revistas literárias e se tornado mais específicas e mais sólidas; ao grande público, uma dose mais homeopática. São pessoas que desejam e se interessam pela literatura, mas não fazem dela um meio de vida como os *scholars*.

Uma pesquisa que busque problematizações sobre a definição da temporalidade do jornal, principalmente quando interrelacionado com critérios que se afastem dos de seu regime de tempo, e com próprio jornalismo cultural, teria condições de apontar sobre suas concretizações e potencialidades. É uma investigação que, ao invés de tatear em busca da *mot juste*, de um enunciado apropriado, se volta para um *temps juste*, a uma enunciação em um tempo midiático sincronizado.



## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Tempo livre. In: \_\_\_\_\_. **Indústria cultural e sociedade**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 103-117.

ANTUNES, Elton. **Videntes Imprevidentes**. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Acessado em 04/set/2009. Disponível em: [http://www.poscom.ufba.br/arquivos/Poscom-Producao\\_Cientifica-Elton\\_Antunes.pdf](http://www.poscom.ufba.br/arquivos/Poscom-Producao_Cientifica-Elton_Antunes.pdf)

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

EAGLETON, Terry. **A função da crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento**: que falta ele faz! São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 72-8.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Vozes, 2005.

MOUILLAUD, Maurice. Crítica do acontecimento ou do fato e questão. In: \_\_\_\_\_, PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo, 1997, p. 49-83

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 13-33.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

## Matérias citadas

ANDRADE, Fábio de Souza. Birmânia sem gelo. **A Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 jun. 2008. Caderno Ilustrada, p. E4

PEN, Marcelo. Espanhola retrata terror social do pós-guerra. **A Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2008. Caderno Ilustrada, p. E10

STRECKER, Marcos. Coetzee analisa ‘autoridade’ de opiniões. **A Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2008. Caderno Ilustrada, p. E9

VILLAÇA, Alcides. Estréia de Corsaletti em contos mesclam o banal e o poético. **A Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2008. Caderno Ilustrada, p. E10